Pescador

Embriagados e esfarrapados,
Eles nunca deixam de ser,
Os donos do mar, os homens da terra.
A procura do sustento é mais uma aventura
A faina do mar é difícil
Como difícil também a vida é.

Nasceram as margens da praia
Cresceram com as ondas do mar
Eles alimentam sonhos
Na retina dos seus olhos o brilho da esperança
E a nostalgia de visitar, países longínquos.
A vontade de serem levados, um dia
Naquele vapor que agora abarca a ilha,

Talvez…
Talvez um dia
Os seus barquinhos que ambulam,
Que andam desolados pelas ilhas
Talvez um dia naufraga
Na grande América, ou na Índia

Talvez…
Talvez um dia
Eles serão levados, para grandes cidades
Longe da estiagem e da pobreza
Dessas cidades pequenas e
serão grandes senhores.

No mar largo eles sonham…
Arremessam redes

Catam peixes e almejam.
Almejam em desafiar os deuses,
Em dormitar nos seios perfumados de yemanja,
Em lutar com dragões e Tubarões.
Eles sonham…
Quando a saudade aperta
sonham...

Sonham com o olhar carente dos meninos
Que ficaram à beira da praia a espera do sustento.
Sonham com os gritos e alaridos das mães, tias e avós
Que gritam e sussurram
E sofrem em silencio a cada dia de faina.

Sonham com a crioulinha amada
Que deixo cravada no peito o rosto angelical.
O corpo mulato, a enrolar no seu corpo salgado.
O cabelo crespo, e os olhos a transbordar
De desejos e sedução
Há, linda mulata crioula
Que faz os seus esforços valer a pena.

De repente um estrondo
Do sonho é acordado.
Ondas gigantes levam e trazem o barquinho
Que andava desolado pelas ilhas…
A deriva no meio do Atlântico agora padece.

O coração que a pouco
Transbordava de saudades e recordações
de uma crioula mulata
Agora…Explode de medo
Na sua companhia
A escuridão do céu e o cantar do mar.

Ele grita…
A voz dá lugar a um grito salgado
Que teima em não sair da garganta,
As ondas ferem-lhe o corpo
o sal queima até o último poro.

Mas…vai-se aguentando.
Tem de se aguentar, tem de se confiar
Afinal…
O mar é amigo.
Traiçoeiro, mas amigo
Ele é poderoso e tem vida… e gostos próprios.

Ele houve as nossas lamurias,
E nos ajude, ou nos, desgraça.
Nos alimenta e nos faz de alimento
Nos mata a saudade trazendo quem nos ama
E nos mata de saudade levando quem amamos.

Mas sempre confiam
Que o mar os há de levar… de novo
Aos seus amores, nas cidades pequenas
A beira da praia, para o seu mundo pequeno
Iriam abraçar a crioulinha amada, com gosto do mar,
Corpo de sereia e de pele morena
Como a cor das noites estreladas
Que iluminam os caminhos tortuosos da vida.

Iriam ninar os pequenos
E alimentá-los de peixe, água e sal
E tomariam as bençoes cobiçadas das mães, tias e avós
que sempre deixam dispostas a barras das saias para os proteger.

Talvez
Talvez um dia
Acabarão no mar largo
Pois é esse o destino
Dos homens do mar, dos homens da terra.

Florizandra Porto, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde

Nadando nas profundezas da vida

A vida fez-me mergulhar nas profundezas do vale da enganação. Caí justamente no abismo, sem saber o que as ondas tinham reservado para mim. Naveguei no oceano da perdição por horas. Ondas traiçoeiras abandonaram-me no meio do mar, nem mesmo o redemoinho foi tão cruel. Talvez as profundezas do oceano sejam uma doçura comparada à minha solidão.

Não posso sequer lamentar, caso contrário, serei engolida pelo mar astuto que me cerca.

Vou ter de aprender a nadar, as estrelas vão guiar-me. Vou seguir as correntes, quem sabe assim posso sobreviver àquilo que chamamos vida.

Atrasando o recife, haverá esperança, pois, no fundo do mar há vida! O vento ameaça os barcos que voltaram do precipício, porém, as cordas estão todas firmes. O oceano está sempre se movendo, as ondas fazem o cais aparecer distante.

Em cima do píer, encontramos o equilíbrio da vida. Ali, já tudo começa a fazer sentido. Encontramos o que tínhamos perdido no início: a nossa essência. A margem dá início a uma nova jornada, essa caminhada foi destinada a cada um de nós. Com passos lentos e alinhados, seguimos em direção à verdade.

A verdade é distinta da ilusão, mas elas unem-se num ponto comum. Ambas têm muitas versões, assim como o oceano. As correntezas transformam o medo em fato. É visível o nosso medo de ser engolido pela verdade, esquecidos pela fama e iludidos pelo dinheiro.

Vamos prosseguir, todos esperançosos, à procura de paz! Nunca vamos encontrar a paz sem conhecer a inquietação do Oceano!

Sara Patrícia Sequeira Fernandes, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde

A Água, a Chuva e o Mar: O Encanto da Minha Infância

Talvez por ter nascido e vivido longe do mar, a água sempre foi um bem precioso. Quando chovia, era o momento mais sublime do ano.

Nos tempos de chuva, entre julho e outubro, acordava muitas vezes de madrugada ao som da água a bater no telhado da modesta casa onde nasci e cresci. No início da temporada, esse som era ainda mais especial, quase como um anúncio da abundância que estava por vir. No silêncio da noite, ouvia a voz da minha mãe dizer: "*Ês ki ê txuba*", em bom crioulo da ilha do Fogo, que em português significa: "Isso sim é chuva".

Pela manhã, o cheiro da terra molhada espalhava-se pelo ar, e os últimos chuviscos ainda caíam, criando uma atmosfera de renovação. Subia ansiosamente à cisterna da nossa casa para verificar o nível da água armazenada. Se estivesse cheia, significava alívio: por algum tempo, não precisaríamos levantar cedo para caminhar 3 km até o fontanário, carregando duas botijas de 5 litros em cada mão.

A chuva também nos proporcionava pequenos prazeres — um banho demorado sob o algeroz da casa ou, melhor ainda, debaixo do céu aberto, deixando a água fria escorrer pelo corpo. Quando chovia bastante, íamos até à Ribeira Casa, apenas para ver a correnteza descer ribeira abaixo. Para nós, aquilo era um espetáculo mágico, um momento de encanto e vibração!

Os meus irmãos mais velhos pegavam nas enxadas enferrujadas e nos paus previamente escolhidos, marcando o início de um grande labor no "*Padjigal*", as hortas sequeiras. Acompanhados dos nossos pais, seguíamos para as sementeiras. Entre algazarras e risos, subíamos até Achada Ché, perto da serra da ilha do Fogo, onde começávamos o trabalho. Depois, descíamos para Cutelo de Vigia e, por fim, terminávamos em Figueirinha, três terrenos arrendados onde semeávamos milho, feijão, abóbora, melancia e outros cultivos.

Fascinava-me ver os grãos a brotar. A minha missão era levantar cedo e ir para o "*Padjigal*" com o meu irmão mais novo, Eliseu, para proteger o campo das invasões das galinhas-da-Guiné, dos corvos ou das cabras. Para nós, aquilo era **o nosso verdadeiro campo de férias**! Construíamos um pequeno abrigo, o **Funco**, para nos protegermos do sol e da chuva, e só regressávamos a casa ao cair da noite, aguardando ansiosamente pela colheita, um tempo de abundância e fartura. No terreno de cultivo, enquanto guardávamos o campo, contemplávamos o mar ao longe, que nos fascinava. Víamos a ilha Brava no horizonte e sonhávamos em nadar até lá, apenas para descobrir como era. Nunca tínhamos saído da ilha do Fogo e, vivendo longe do mar, ele tornava-se um desejo, uma fantasia constante.

Lembro-me bem dos nossos tios pescadores, Adolfo e Manuel, irmãos da nossa mãe, Rosinha. Todos os fins de tarde, desciam mais de 4 km até à Lajeta, um porto improvisado de pescadores. Levavam consigo o Cafuka, uma garrafa de vidro com petróleo e um pano de algodão torcido por dentro, que servia de candeeiro para iluminar o caminho pelas encostas íngremes. Ao chegar à praia, remavam para o mar bravio da ilha do Fogo, em busca de sustento. Sempre que partiam, ouvia a minha mãe murmurar uma prece, pedindo a Deus que os protegesse. No dia seguinte, regressavam com peixes pendurados num pau, amarrados por cordas entrelaçadas nas guelras. A minha mãe comprava em grande quantidade, tratava os peixes e fritava-os, alimentando a nossa família de mais de dez pessoas. Que momentos maravilhosos!

A água, a chuva e o mar foram, sem dúvida, o encanto da minha infância. Representavam e ainda representam a vida e a riqueza de um povo que soube driblar a miséria, transformando a escassez de água e de chuva em aliados imprescindíveis para a sobrevivência. O vasto mar tornou-se sustento e caminho para uma vida melhor em terras distantes. Como os nossos avós, pais e irmãos, que partiram e regressaram com aljavas cheias de esperança para as suas famílias e conhecimentos para transformar a nossa terra num lugar mais atrativo para viver.

Hoje, ao recordar esses momentos, percebo que a água, a chuva e o mar sempre foram nossos maiores aliados. Mais do que elementos da natureza, são a essência da nossa sobrevivência e das nossas memórias. Foram eles que moldaram a minha infância e me ensinaram sobre resiliência, esperança e a beleza das pequenas conquistas. No barulho da chuva, no brilho das ondas e no frescor da água, ainda encontro a essência dos dias felizes e a certeza de que a simplicidade tem um encanto que jamais se apaga.

Por isso, acredito que a nossa missão, como cabo-verdianos, deve ser proteger e maximizar esses recursos, que são vitais para um país sem minas nem petróleo, onde a nossa maior riqueza são as praias, o mar e a chuva, que teima em não chegar. A água já não jorra como antigamente, mas o nosso mar continua vasto e cheio de possibilidades. Saber explorá-lo para o turismo e a pesca, assim como investir na dessalinização para transformar a nossa terra seca e árida num campo verdejante e frutífero, pode ser o caminho para um futuro mais promissor. Afinal, **a água, a chuva e o mar não são apenas recursos: são parte da nossa identidade e da nossa história.**

Josué Mendes Monteiro, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde

VIAGENS MARÍTIMAS

A vida é uma onda do mar
Que desce num sentido próprio
Sem precisar de controlo da areia da praia

Mar é doce navegação que
Engrandece os navegadores
Em meio a longas e profundas águas do oceano

O mar limpa as manhas da nossa nudez
Estabelece uma aura saudável para a nossa visão
Garante um olhar clínico para a natureza do nosso ser
E mais do que correntes de água
Mar é um caminho de transição que carrega todos males oceânicos.

Mar é igual a natureza
Repleta de beleza
Com um litoral expressamente magnético
Que atrai todo poder energético
Que vem das profundezas pacíficas

Navegar num mar
É velejar numa viagem sem saída
Mesmo tendo a sua mais intensa e visível saída
Pois, o coração do mar liberta as gralhas do mal-viver
Estabelecendo limites para o bem-estar aquático.

Vally Moronvick, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde

IMERSÃO

Um Simples banho
Remove todas impurezas
Adormecidas em algumas camadas de ozono corporais
Que são necessários desnecessariamente
Principalmente em nossa mente.

Um simples banho
Bem revestido
Restaura a aura de um gigante caído
Sem precisar de seguir se quer um caminho

Um simples banho
Amolece o que menos imaginamos
Revoga toda milícia patente em nós
E trucida o átomo daninho
Para não mais termos a sua geração

Vally Moronvick, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde

O Som da Chuva

A chuva cai como um manto de prata,
Trazendo consigo o silêncio que desata.
Cada gota é um suspiro profundo,
Que fala do tempo e do fim do mundo.

O som da chuva acalma a mente,
Limpa a alma e a faz mais presente.
Entre cada pingo, ouço uma canção,
Que ecoa no coração, como oração.

Sob a chuva, tudo se torna mais real,
Cada emoção se torna universal.
E no seu toque, a vida se refaz,
Como um milagre, que em silêncio se faz.

Maria Joana Alves Centeio, 2º Ano, Universidade de Santiago, Assomada - Cabo Verde

Entre Ondas e Destinos

O oceano, vasto e imponente, representa não apenas um recurso natural de inestimável valor económico e ecológico, mas também um elemento profundamente enraizado na experiência humana. Para aqueles como eu, cujo pai dedicou a vida à pesca, o mar não é apenas um ambiente de trabalho, mas um símbolo de sustento e herança. Cresci envolto nas histórias de bravura e adversidade que o oceano tece, onde cada onda é um capítulo nas histórias da minha casa. Neste sentido, olhar para o mar é, para mim, revisitar a minha história, compreender a origem do meu crescimento e valorizar cada sacrifício feito por aqueles que, como o meu pai, desafiam as suas águas em busca de um futuro melhor.

Assim, o oceano permanece como um testemunho vivo da relação profunda entre o homem e a natureza. É um espelho da nossa resiliência, da nossa capacidade de adaptação e do respeito que devemos cultivar pelo meio que nos sustenta. Tal como as ondas que nunca cessam, também a nossa responsabilidade para com o mar deve ser contínua, garantindo que ele continue a alimentar ‘’bocas’’ e os sonhos,

O compromisso com a preservação dos oceanos exige não apenas políticas eficazes, mas também uma mudança de mentalidade coletiva. As práticas sustentáveis de pesca, o combate à poluição marítima e a proteção dos ecossistemas costeiros devem ser encarados como prioridades globais.

A preservação do oceano não é apenas uma questão ambiental, mas também um compromisso ético e humano. Proteger o mar é honrar aqueles que, como o meu pai, se dedicaram às suas vidas às suas águas, enfrentando a incerteza das marés com coragem e perseverança. É garantir que os filhos e netos dos pescadores possam continuar a ver no oceano a fonte da vida e da esperança por um futuro melhor.

E assim, cada vez que observo o horizonte onde o céu e o mar se encontram, registo a força das ondas que sustentaram a minha infância e o legado de todos os que fizeram do oceano o seu lar, o seu sustento.

O oceano, imenso e indomável, sempre presente. Fonte de vida, de sustento, de histórias perdidas no tempo. O meu pai, pescador, conhecia-lhe os humores. As manhãs salgadas, os regressos tardios, a espera. Cresci assim, entre redes e promessas do mar.

Cada onda, uma possibilidade. O porto, um lugar de encontros e despedidas. A pesca, mais do que um ofício, um laço entre homem e natureza. O mar dá, o mar tira. Uma incerteza constante. Mas também a esperança. E hoje, ao olhar para a imensidão azul, tantas perguntas. O futuro dos oceanos, uma responsabilidade. A poluição e a exploração desenfreada, o equilíbrio perdido. O que vamos deixar? Para os filhos dos pescadores, para todos. Porque cada onda que chega à costa traz séculos de existência, de resistência. E, a cada dia que passa, o mar parece gritar em silêncio. Os plásticos que flutuaram onde antes só havia peixes. Os corais que perdem a cor. Uma pesca que já não é como antes. Pego-me a perguntar:

E então, o que fazer? Ignorar?

Porque o oceano não é apenas paisagem. Não é apenas uma linha no mapa. É casa, é história, é futuro. E se queremos continuar a ser o que sempre foi, é preciso agir. Com respeito, com consciência, com urgência. Para que as suas águas não sejam apenas espelho do que já perdemos, mas sim promessa de um futuro promissor.

Cada onda, é uma possibilidade, um porto, um lugar de encontros e despedidas. A pesca é mais do que um ofício, um laço entre o homem e a natureza. O mar dá, o mar tira. Uma incerteza constante.

O meu pai perdeu-se várias vezes no mar. Dias inteiros sem notícias, a angústia que se instalava em casa. Lembro-me do silêncio pesado, das orações sussurradas, dos olhares fixos no horizonte, à espera de um barco que tardava em regressar. Lembro-me do meu choro de desespero, por não ter nem um ‘’tostão’’ para o funeral, chegou até a notícia da sua morte. Mas ele voltou. Magro, exausto, com os olhos marcados pelo susto e pelo rompimento. O mar quase o levou, mas devolveu-o, acredito que ouviu a minha súplica.

Foi assim que cresci, com o sal do oceano entranhado na pele e na vida. Cada peixe que o meu pai trazia era mais do que sustento, era sacrifício. Lembro-me de várias vezes que carregava baldes de peixes e ia à venda, foi graças a esse trabalho árduo e perigoso do meu pai que consegui estudar, que me formei. O oceano, que tantas vezes ameaçou tirá-lo de nós, foi também o que me permitiu sonhar para além das ondas.

Porque não se trata apenas de peixe e de redes. É cultura, é identidade, é memória. Um legado que se desfaz nas ondas, se não o agarrarmos, preservar e cuidar. Para que o oceano continue a contar histórias. Como a minha, como a de tantos, porque cada onda que chega à costa traz séculos de existência, de resistência.

Que saibamos cuidar do mar como ele cuidou de nós, para que as suas águas continuem a contar histórias de resiliência, de aventura, de tristeza, mas também de alegria e de muita fartura.

Filomena Sanches, Professora do Liceu Domingos Ramos, Praia - Cabo Verde

Oh mar!

Por que és o motivo de tanta dor?
As suas águas claras,
Chamam-me para mergulhar,
Mas temo, temo aquilo que está nas tuas profundezas.

O quão profundo tu és!
Ninguém sabe!
Apenas tu, sabes o tamanho da tua profundidade.
Mães choram, pelos filhos que tomaste e não devolvestes.
Mulheres lamentam, pelos maridos que foram e nunca mais voltaram.

Mas por que mar?
Por que és o motivo de tanta dor?
Uma dor do tamanho das tuas profundezas
Oh mar!
Restam apenas lágrimas, lágrimas de dor, tristeza e de saudade.

Aracido Só, 12ºAno, Liceu Amílcar Cabral, Asssomada - Cabo Verde

O MAR E A LUA

- O mar e a lua, não importava a distância e nem a diferença, eles se amavam de todo o jeito, eles acreditavam que podia ser amor verdadeiro. Não importava se a lua era redonda, mas ela era a estrela que mais brilhava a noite, ela era a mais bela, a mais fofa: dizia o mar.

- Não importa se o mar era infinito, mas ele era o oceano mais profundo e cheio de mistérios, ele era o mais incrível, o mais abominável: dizia a lua.

- Mesmo com pensamentos opostos, mesmo em lugar diferente, eles tinham a certeza que o sentimento que eles sentiam um para o outro era o mesmo. E é assim que o amor se torna verdadeiro, é assim que somos especiais, por sermos diferentes.

Raquel Jenifer - Cabo Verde

Ó Mar

Muitas vezes falada de dor e
poucas vezes de amor
Mar, um mistério de beleza e dor.
As águas murmuram
histórias de amor e de sofrimento

Ó mar!
Muito se fala, mas pouco se vê,
Guardião de uma beleza infinita
Que poucos apreciam.
Um espelho de desejos e dos mais
Profundos sonhos

A minha alma?
É como as ondas do mar
Cheia de onda, cheia de dor
No entanto, bela e cristalina
Pura e profunda!

Provavelmente perguntas!
Por que o mar é motivo de tanto sofrimento?
Porque o mar, carrega consigo os segredos da vida,
e todo segredo tem um peso de um sofrimento que
não se pode contar!

Isis Semedo, 12ºAno Liceu, Amílcar Cabral, Assomada - Cabo Verde

A vida é o mar

E mais uma vez, eu estava no mar. O seu cheiro salgado, as suas ondas suaves e sua brisa fresca, eu encontrava-me novamente no lugar onde eu me sentia vivo e morto, feliz e triste, acolhido e abandonado, o lugar onde a coragem me levava e o medo acovardava-me.

Era só e novamente nós, eu e o mar. E passeando pelos meus pés eu sentia as ondas a convidarem-me a entrar naquela água salgada permitindo que deixasse toda a angústia e a frustração que me consumiam e culminavam no ser humano que eu era.

Como eu queria ser uma criatura como o mar, como eu queria poder sentir o gosto da liberdade de poder libertar-me e voar ainda que sem sentido, sem caminho, sem rumo, sem direção ou sem destino, eu só queria poder dizer que sou livre.

Mas ali eu me encontrava, de frente ao mar, o mar, no único a quem eu confiava todos os meus segredos, onde minhas lágrimas se aglomeravam as suas salgadas águas, era ele o meu amigo, meu único amigo. Um amigo que, na verdade, eu invejava e motivos é que não me faltavam, afinal era ele uma criatura cheia de mistérios e beleza, e o que eu sou? Apenas uma criatura que não tinha nem a sua própria liberdade. Eu me perguntava o porquê de Deus ter dado tanta beleza a essa criatura? Por que de ter o poder de conter e tirar vidas? Mas essas são dúvidas, as respostas que me saciavam jamais haviria sido descobertas.

E num piscar de olhos, o sol já havia despedido, e em seu lugar já havia um novo rei, ou melhor, uma rainha... A rainha lua.

E mais uma vez, na vastidão da noite eu me encontrara a admirar a magia do mar, o brilho da lua sobre as suas águas. Agora o mar estava sereno e branco, e parecia que tinha como preocupação única, trazer- me a paz que sempre me dara. E então eu sentia-me caminhar lentamente para o aconchego das suas águas. Eu sentia a brisa, que agora era fria sobre o meu rosto que trazia consigo o cheiro salgado que mais aparentara o sabor das minhas águas, e sim, era ali o meu lugar, onde as águas estendiam - se até ao limite do projetar da nossa vista, de mãos dadas a um horizonte infinito e mistério de azul profundo.

O que eu mais queria, o meu coração mais pedia a minha alma mais clamava, era deixar ali tudo o que em mim morava, eu que era um abrigo para tantas águas.

O mar, era tudo o que eu tinha, era meu refúgio da dura realidade em que eu" vivia" e de repente o barulho de uma onda brusca que se quebrará sobre a costa tirou-me por um instante dos meus pensamentos, me trazendo de volta ao que era real, o que mais temia, a realidade que me prendia. Eu já não olhava mais para as profundezas do mar, mas sim para o seu raso, onde naquele momento já não era o mar e sim um espelho que refletia contra o meu eu, o reflexo que era meu e então o mar por um instante parecia-me perguntar:

Quem és tu? O que tanto te atormenta? E por que sempre vem a mim para fugir do que lhe acorrenta?

Eu... Eu tinha tanto a dizer, tanto a tirar de dentro, eu via naquele lugar e naquela hora a oportunidade de esvaziar-me, mas eu só o podia fazer se eu soubesse responder quem era eu? Eu sabia tudo o que dizer, ou quase tudo, eu só não sabia quem era eu...

E então se hesitasse por instantes pareciam não ter fim. Mas quando eu me dei conta, a lua já havia desaparecido e agora mais uma vez voltou o sol, que trazia consigo toda a tristeza, solidão e frustração que faziam do meu ser, ser o que era. Já era a hora, a hora de deixar a calmaria e voltar ao que todos chamavam" vida", eu não sabia de nada, mas era e ainda é certeza que nada é a vida sem o" Mar".

Neymara Tayliny, 11º Ano, Liceu Domingos Ramos, Praia - Cabo Verde

Quem é o Mar

O Mar é um verdadeiro mistério,
mas também uma fonte de vida.
Para alguns um cemitério,
que levou muita gente querida.

Não há nada a fazer,
só devemos respeitá-la,
só devemos amá-la,
só isso posso-vos dizer.
O Mar, é uma beldade,
que existe desde a antiguidade.
Eu imagino o mar como uma pessoa.
Uma pessoa que trata as pessoas
da mesma forma que é trata,
Tal como as pessoas,
ele tem memórias.
Lembra-se das pessoas que
vieram tristes e foram felizes,
das pessoas que vieram frustradas
E foram com uma paz,
que é uma maravilha!

Também vejo o mar como
Filho da mãe Natureza,
uma mãe muito rigorosa,
que lhe ensinou regras,
chamadas regras da mãe natureza.
Mas isso agora, não tenho a certeza.
Eis-me aqui, o mar!

Jussara Cruz, 11ºAno, Liceu Domingos Ramos, Praia - Cabo Verde

O Mar Me Tirou Você, Minha Irmã

O mar sempre foi nosso abrigo,
Nosso refúgio, nosso lar.
Ríamos juntas, lado a lado,
Correndo livres sobre o mar.

Mas no dia 25 de março de 2024, sem aviso,
O mar traiçoeiro levou-te.
Gritei seu nome, chorei aflita,
Mas o vento forte calou-me.

As ondas dançam, tão indiferentes,
Como se nada tivesse mudado.
Mas eu fiquei com o peito em luto,
Com o coração despedaçado.

Se fecho os olhos, ainda escuto
Sua voz chamando por mim.
Mas quando abro, só vejo o nada,
E o mar, azul, sem fim.

Amanhã seria um dia de festa,
Meu aniversário, para celebrar…
Mas como sorrir, se na véspera dele,
O mar decidiu-te apagar?

Agora as águas guardam seu nome,
O vento sopra a sua canção.
E eu, sozinha, fico esperando
Um abraço perdido na imensidão.

Edmira Gonçalves, 12ºAno, Liceu Amílcar Cabral, Assomada – Cabo Verde

O que vai ser do amanhã

Eu vou viver o que tanto sonhei
Será que vou viver até aí
Pergunto-me e perco num só pensamento
Tenho de analisar o meu passado para corrigir o meu futuro

É tão engraçado como o pensamento
Faz-me perder a noção de onde encontro- me
Navegando num só navio
Em que os meus piratas encontram-se

Será que o meu navio
Não afundará no amanhã
Haverá furos e tempestades
Mas será, que o meu navio aguentará

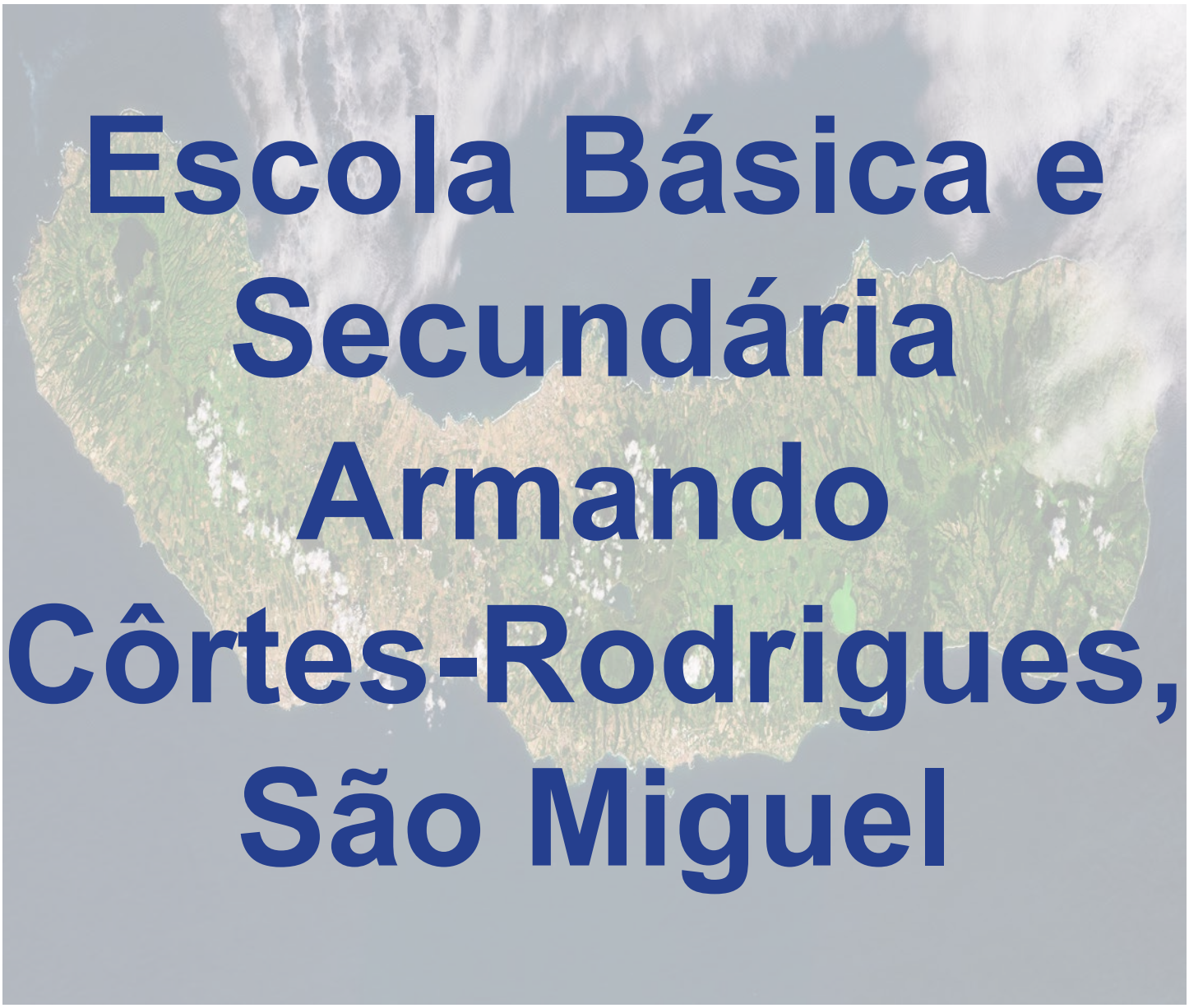
Não perco um só dia
De frases incompletas
Que só o futuro completará
Na vida a muitas mudanças
Mas quem saberá do amanhã?

Tenho muitos planos a executar
Mas a vida, a vida é traiçoeira
Como um navio em alto mar
A maré que me guia

Mas sigo nas ondas firme e forte
A minha luz faz transparecer
As preocupações que a minha mente
Enfrenta em milhões de dinamites

Cloviane Talia & Rafael Almeida, 11ºAno, Liceu Domingos Ramos, Praia- Cabo Verde

Conexão com os Açores


Escola Básica e
Secundária
Armando
Côrtes-Rodrigues,
São Miguel

Escrita Criativa

Os textos que se seguem foram realizados na EBS Armando Côrtes-Rodrigues, na aula da docente de Português **Carla Ponte**, no âmbito de uma sessão de **Escrita Criativa** desenvolvida pela docente **Malvina Sousa**. Esta atividade foi desenvolvida com uma turma do 10.º ano, partindo da partilha de um conto de Natal e da ideia de se escreverem cartas de Natal. De seguida, e tendo como ponto de partida palavras presentes neste conto, os alunos efetuaram as cartas incríveis e cheias de emoção que a seguir se apresentam.

Fica o nosso sincero agradecimento a todos os alunos participantes em ambas as atividades!

A prof.ª Malvina Sousa

Carta do Homem para a Esperança

Vila Franca do Campo

Querida Esperança, eu tenho andado a pensar sobre a minha vida e reparei na tua importância. No outro dia aconteceu-me uma situação horrível e o que me manteve calmo foste tu. Fizeste com que eu continuasse, pois eu tinha esperança, esperança de que tudo fosse melhorar.

Todos aqueles que têm um pouco de ti são aqueles que sabem do teu valor e de tudo aquilo que trazes de bom para todos. Eu, por exemplo, quando não te tinha, parecia que estava num beco sem saída, sem saber o que fazer ou para onde ir, mas, quando apareceste naquele beco, numa situação difícil para mim, foste tu quem me tirou de lá.

Tu, Esperança, és o que muitos precisam para continuar ou até começar. Por isso, não te esqueças do tamanho da tua importância.

Com muito carinho,

Homem.

Natacha Santos, 10.º A

Carta da Criança ao Sonho

Aljezur

Querido Sonho,

Aquando desta época que se está a aproximar, e o nosso ano já se aproxima do fim, deparo-me a olhar para os ponteiros do relógio, à espera de ti. Quando se faz noite, chegas de repente e ponho-me a sonhar e, quando nasce o primeiro raio de sol, as horas passadas contigo tornam-se meras fotografias na minha mente dos bons momentos passados. Tu prometes sempre que vais voltar e eu não tenho dúvidas da tua promessa, pois até mesmo durante as aulas ou com os meus amigos, lembras-me da tua luz que está presente em mim e que carrego todos os dias.

Talvez o teu trabalho seja muito difícil, mas já pensaste em quantas crianças à volta do mundo deixarias em vão? Todas as crianças são diferentes, mas cada uma tem um sonho e estão todas à tua espera.

Às vezes, eu paro para pensar e é tão difícil esconder a grande tristeza que sinto em saber que, em algum lugar do mundo, talvez exista um menino como eu, que tenha a mesma idade e os mesmos sonhos. Por azar, esse menino não tem uma casa para viver, brinquedos para brincar, não consegue ir para a escola e não tem uma família. Então, sonho, porque é que não concretizas os sonhos deste menino ao invés dos meus?

Por isso, peço-te que este ano ouças mais uma vez o meu maior desejo: ouve a canção do meu coração e concretiza os sonhos de todas as crianças à volta do mundo!

Até ao próximo Sonho,

Aidan

Margarida Santos Rainha, 10.º A

Carta da Escuridão às luzes

Parte Escura da Lua

Queridas luzes,

tenho saudades das vezes em que iluminaram a minha vida, e do brilho que dão ao mundo. Mas às vezes acho que as pessoas não me dão valor porque, se sempre há luz, nunca há Escuridão. Espero que um dia as pessoas possam reconhecer-me, não como representação da tristeza ou como o vácuo dentro delas, mas sim com algo especialmente necessário e que lhes traz alegria.

Feliz Natal!

Escuridão

Ps: Eu acho-te especialmente brilhante nas árvores de Natal.

Guilherme Santos, 10.º A

Carta do Arrependimento para a Culpa

Furnas

Querida Culpa,

Escrevo-te com o peso de algo que não posso mudar: o passado. Sou o arrependimento, aquela voz que sussurra “e se...” nas noites silenciosas, quando penso nos caminhos que escolhi ou deixei de percorrer. Sou a sombra dos momentos que poderiam ter sido melhores. Mas hoje percebo que tu, Culpa, carregas algo mais profundo do que eu: a dor de ter ferido, de ter errado com os outros ou comigo mesmo.

Admito que, por vezes, te empurro para o centro das emoções e deixo-te lidar com o impacto dos meus “e se”. No entanto, percebo que não és minha inimiga, és o reflexo da minha consciência, és o que me lembra de que não sou perfeito, mas que tenho a chance de crescer e reparar.

Reconheço, Culpa, que muitas vezes prolongaste mais do que o necessário, é quase como um castigo que eu mesmo me imponho. Mas, hoje, quero que me ensines a pedir desculpa, a mudar o que ainda pode ser mudado, enquanto eu continuo a olhar para o futuro com o desejo de fazer diferente.

Contigo, Culpa, não quero carregar apenas dor. Quero também encontrar um propósito.

Que, juntos, possamos transformar a nossa dor num começo novo.

Com sinceridade,

Arrependimento.

Núria Raposo, 10.º A

Carta do homem para o sonho

Sonho,

chegou a minha altura de te escrever esta carta, mas tenho algo a pedir-te. Sei que é o que todos fazem, escrevem-te uma carta, enviam-ta e tu, depois de leres, realizas o pedido. É maçador, eu sei, mas este é um pedido diferente, é um sonho que poucos pensam em realizar.

Todos os meus colegas já realizaram o seu “sonho”, como ver a sua equipa de futebol favorita a vencer, ter uma boa condição financeira ou até mesmo ter o carro dos sonhos, mas e eu? Não quero gastar esta oportunidade em algo que eu consigo obter com trabalho árduo.

O meu sonho é algo que poucos conseguem ter e, se conseguem, estragam com um dos seus vícios. Muitos pensam que é um sonho estúpido, mas é o único motivo que me vai fazer viver e esforçar para ser o homem que muitos pensam em ser.

Por fim, sonho, tu, como o pai do mundo, és o único que me consegue realizar este desejo, realizar o sonho de conseguir achar uma mulher que me ame intensamente, que me ame tanto que nem o homem mais belo do mundo nos conseguirá separar.

Quero também ser o pai que nunca vai sair de casa e deixar os filhos com a mãe, quero ser o pai que sempre estará presente na vida deles, pois quero dar-lhes o que eu nunca recebi, o amor de um pai. Este é o meu pedido, sonho, é simples eu sei, mas é o que vai definir a minha felicidade para o resto da vida.

Lara Rodrigues, 10.º A

Carta do Livro para a Folha

Biblioteca

Querida Folha,

estive pensando e acho que as pessoas me dão muita importância, mas esquecem-se de ti e do facto de que eu não teria valor nem importância se não fosse por ti. Por isso, hoje, voute explicar o quanto és importante para mim e para todos os adultos, idosos, jovens e crianças deste mundo.

Então, vamos começar por falar no teu impacto. Tu, minha amiga, estás em tudo e fazes com que as pessoas sonhem, cresçam e que tenham novas emoções e sentimentos. Ora vê lá, no Natal, tu até estás representada na lista do Pai Natal. Uma tal lista que todas as crianças conhecem, que faz com que elas pensem e ajam de forma bondosa e humilde ao longo do ano para terem as adoradas ofertas.

Estás sempre presente ao longo da vida das pessoas, desde um livro de bebé que lhes ensina os sons e as lindas imagens da vida, até a um livro para pessoas mais adultas e com maturidade, que as faz pensar e refletir sobre as suas grandes aventuras ao longo da sua vida. Agora estava a pensar… e até num pedaço de jornal és importante, pois, se reparares, apesar de ser um simples papel que tem notícias, ele tem um grande impacto na vida dos humanos, como, por exemplo, quando as crianças construíram aqueles presentes simples, mas com valor sentimental para os pais ou até quando os velhotes se sentam todos os dias de manhã a ler e a recordar todos os momentos que passaram.

Assim, minha companheira, agradeço-te do fundo da minha capa por todos os momentos mágicos e por fazeres parte da minha vida e espero que, neste Natal, enquanto as pessoas estiverem a escrever em ti, Folha, as suas listas para o Pai Natal, pensem em ti e na tua magia presente nelas.

P.S.: Esqueci-me de te dizer que neste Natal vou pedir ao Pai Natal que tenhas mais importância e valor para sempre.

Com amor e carinho,

o teu Livro.

Feliz Natal.

Laura Pires, 10.º A

Netos e avós

EBS Armando Cortês-Rodrigues

Dia, avó!

Eu estou a ler um livro. Tem capa, folhas, frases, palavras e letras. Ele já está velho, tem várias marcas de uso e algumas páginas rasgadas. O tempo tem-no arrastado consigo durante décadas. Ainda não o acabei de ler, mas só por saber que ele ainda segue de mãos em mãos, de mente em mente e de coração em coração… enche-me de orgulho.

Todos já leram esse livro. Alguns leram com os olhos, outros apenas o folhearam, outros leram com a alma cada detalhe dele (esses souberam do seu potencial).

Sei o quanto esse livro trabalha para animar a quem o lê e para seguir acompanhado da vida. Sou grata por ter este livro nas minhas mãos neste momento, e, sinceramente, espero criar uma história tão linda como a que esta obra de arte contém.

Este texto fala de muito mais do que um livro e uma leitora. Obrigada por tudo.

Tenho saudades tuas, avó. Vemo-nos no verão. Xi-coração apertado.

Da tua neta do meio,

Madalena

Madalena Saraiva, 10.º A

Uma carta da Riqueza para a Pobreza

Mundo Real

Querida Pobreza,

Estive a pensar muito em ti, ultimamente. Sei que passas por momentos extremamente difíceis e queria poder ajudar-te para não estares ainda com mais dificuldades.

Muitas vezes, não é possível ter o que queremos, nem mesmo o básico para sobrevivência como comida, água e teto. A desigualdade social é muito injusta hoje em dia, já que os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Por vezes, nem o ordenado mínimo é suficiente para uma pessoa sobreviver. Sem condições suficientes para pagar alimentos, muitas pessoas estão, aos poucos, ficando sem casas. Num mundo tão desigual, muitos ricos têm acesso a melhores oportunidades de educação, como irem para as melhores faculdades do mundo, enquanto que quem não tem dinheiro suficiente precisa de se esforçar muito para ter uma bolsa de estudo. Ainda por cima, estamos muito propícios a sofrer com a inflação. Aliás, quem tem menos dinheiro sofre muito, pois não recebe o suficiente para coisas que estão muito caras.

Assim, devido a todas essas dificuldades, penso em doar-te o que tenho, para a vida não te ficar demasiado complicada.

Com muito carinho,

Riqueza.

Ana Wang Wu, 10.º A

Memórias de Natal

Jardim

Querido Homem,

Este Natal vai ser muito especial para mim, repleto de amor, alegria e união.

Todos os anos, a ocasião pela qual fico mais ansiosa é obviamente o Natal. É a altura do ano em que mais gosto de estar com a minha família. O que eu sinto pelo Natal é algo especial e diferente. O Natal é sinal de união, amor e partilha. Há algo mais maravilhoso?

Este ano foi muito difícil, tive que lidar com recaídas e aprender que a vida é muito mais complexa, por isso, a inquietação para que chegue o Natal e só sentir coisas boas.

A minha família leva o Natal muito a sério. Todos os anos existem brincadeiras novas, motivos de riso, muita comida deliciosa e, claro, a partilha de muitos presentes.

O que pediste ao Pai Natal? Eu sinceramente não pedi nada, não que eu não deseje nada, mas o cansaço não me deixou pensar no que pedir, apenas senti a necessidade de ter paz, descanso e de poder estar com as pessoas de quem mais gosto.

Espero que o teu ano tenha corrido melhor e que possas passar o Natal com quem mais amas e também ter muitas prendas.

Com muito amor,

Filipa Pacheco Matos

Filipa Matos, 10.º A

Carta de netos para avós

Furnas

Queridos avós, vocês são o nosso bem maior.

Para nós, netos, será tão difícil continuar a viver sem a vossa presença. O medo de vos perder é persistente, e para quem já perdeu...nem quero imaginar o sofrimento.

Os avós, os nossos queridos avós, são quem nos dá mais força, são quem confia em nós e são aqueles que dizem “Não desistas, nós sabemos que és capaz!”. São também quem nos abre os olhos, são aqueles que nos avisam mesmo antes que qualquer coisa aconteça, são os que estão presentes nos bons e maus momentos.

Aos nossos avós só temos de agradecer, por cada momento passado, cada história de vida contada, por cada refeição que nos foi dada e por cada segundo que a vida nos permitiu passar à beira deles.

Vindo de nós, netos, sabemos que um obrigada por tudo não chega, um obrigada pelo amor que foi e é dado não chega, mas, mesmo assim, insistimos em dizer.

Obrigada por tudo, avós.

Com todo o carinho,

Netos.

Núria Raposo, 10.º A

Concurso de Poesia

Os textos que se seguem foram realizados na EBS Armando Côrtes-Rodrigues e foram os vencedores do **Concurso de Poesia** promovido pelos docentes de Português desta escola aquando da **Celebração da Semana de Poesia**. Desta forma, apresenta-se, de seguida, os textos vencedores do 2.º e 3.ºs ciclos, assim como do Secundário.

Se eu fosse uma abelha

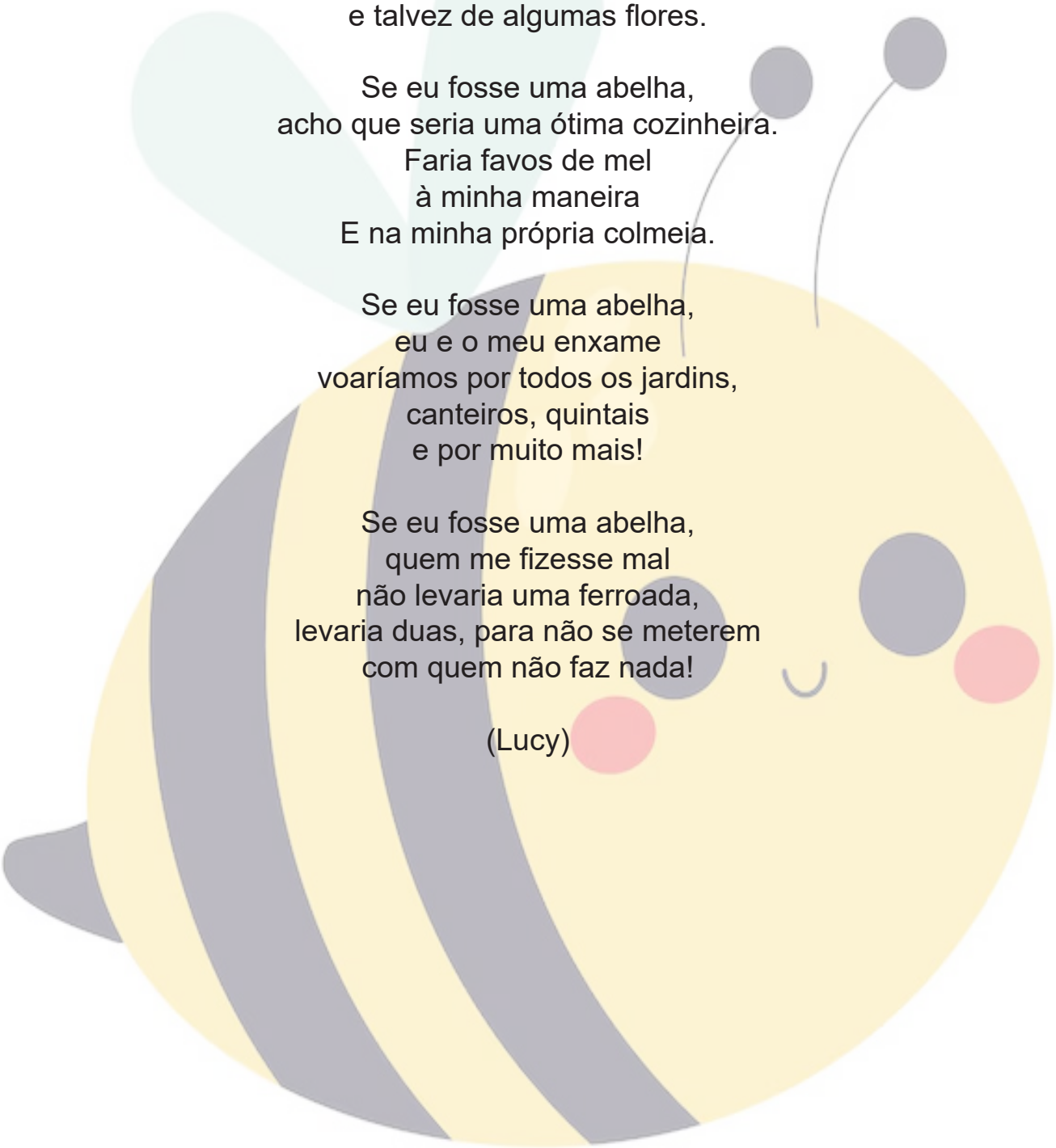
Se eu fosse uma abelha,
queria ser de outras cores
para me destacar das outras abelhas
e talvez de algumas flores.

Se eu fosse uma abelha,
acho que seria uma ótima cozinheira.
Faria favos de mel
à minha maneira
E na minha própria colmeia.

Se eu fosse uma abelha,
eu e o meu enxame
voaríamos por todos os jardins,
canteiros, quintais
e por muito mais!

Se eu fosse uma abelha,
quem me fizesse mal
não levaria uma ferroada,
levaria duas, para não se meterem
com quem não faz nada!

(Lucy)



Luciana de Sousa Silva, 6.º D

As sombras da pobreza

Nas ruas frias, no chão de pedra
Caminha a alma que o mundo
não medra.

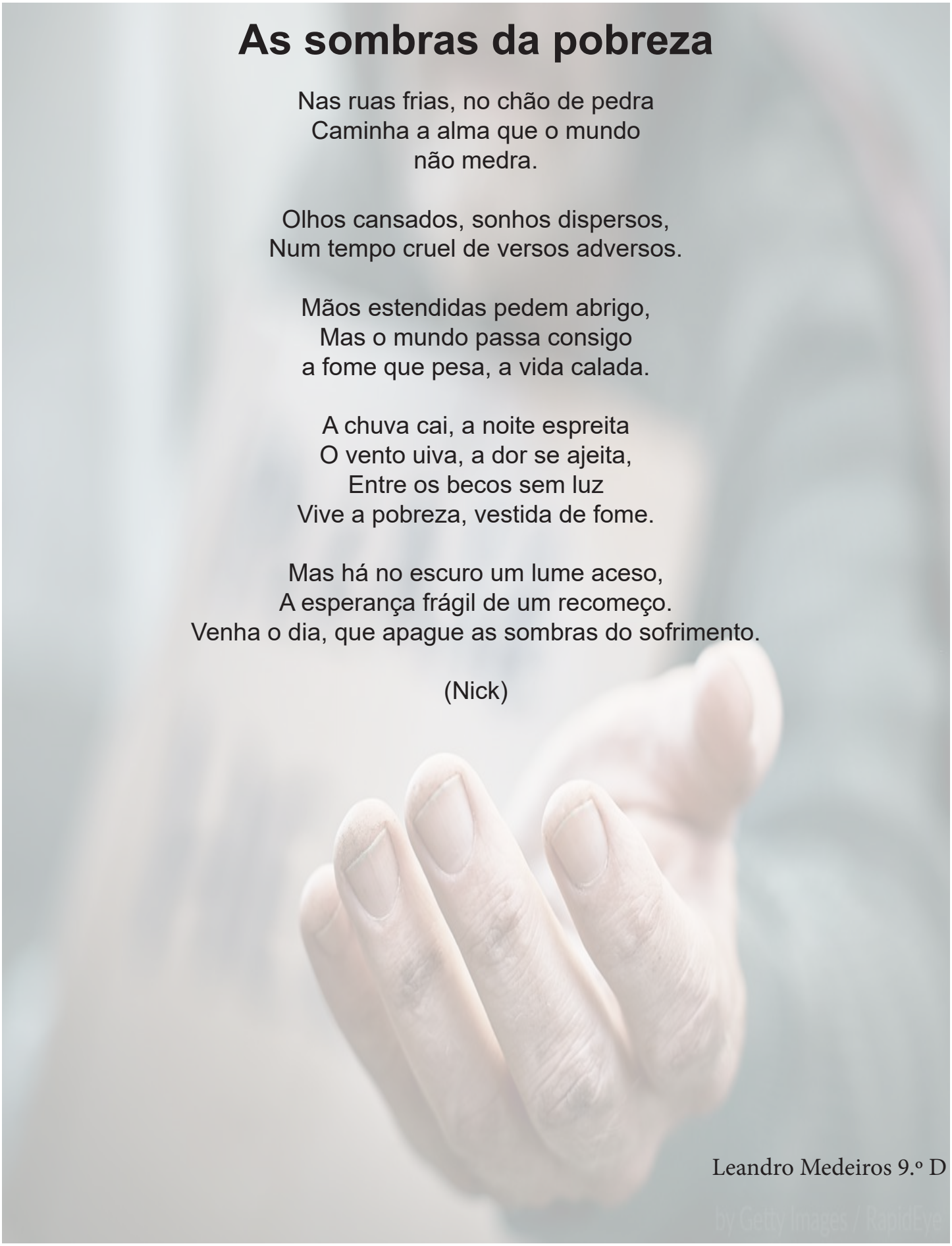
Olhos cansados, sonhos dispersos,
Num tempo cruel de versos adversos.

Mãos estendidas pedem abrigo,
Mas o mundo passa consigo
a fome que pesa, a vida calada.

A chuva cai, a noite espreita
O vento uiva, a dor se ajeita,
Entre os becos sem luz
Vive a pobreza, vestida de fome.

Mas há no escuro um lume aceso,
A esperança frágil de um recomeço.
Venha o dia, que apague as sombras do sofrimento.

(Nick)



Leandro Medeiros 9.º D

by Getty Images / RapidEye

Viagem

Eu viajo bastante
No meu pequeno avião
Até ao passado distante
Dos confins da minha imaginação

Viajo entre o desprezível
Como se estivesse presa num carrossel
Numa viagem elíptica impossível
Escrita por um velho pincel

Viajo até à tristeza e saudade
Com um avião já descontrolado
Onde, num ato de pura maldade,
O meu coração é furado

O meu destino mais visitado
São os próprios arrependimentos
É o destino mais complicado
E o que me afoga em pensamentos

Admito que nunca aprendi a pilotar
E por isso eu estou sempre perdida
No final eu só queria parar de pensar
E dar uma oportunidade à vida

(Camilla Sekowsky)

Laura Araújo, 10.º D